

CRIAÇÃO & CRÍTICA 10

CEM ANOS DE ALBERT CAMUS

[Para abrir este número, dois personagens de Albert Camus, Meursault, de *O estrangeiro*, e Jean-Baptiste Clamence, de *A queda*, se ofereceram gentilmente para apresentar os artigos]

Eu havia acabado de ler mais uma vez o velho pedaço de jornal com o caso que se passara na Tchecoslováquia. Continuo achando-o ora natural, ora inverossímil. Minha única leitura nos últimos anos. Eu me acostumei com ele. Quando lemos o mesmo texto inúmeras vezes é como se vivêssemos dentro de um tronco oco de árvore. Só podemos olhar para o alto. Às vezes chove, às vezes faz sol. Mas o céu permanece o mesmo. Foi quando meu novo advogado veio me visitar em minha cela. Após discorrer por mais de meia hora, da qual só prestei atenção os cinco primeiros minutos, ele me encarou com um brilho irônico nos olhos e disse:

— Meu senhor, posso oferecer-lhe meus préstimos, sem correr o risco de ser inoportuno? Em meu cartão de visita está escrito: Jean-Baptiste Clamence, ator. Não confie! Verifiquei que o meu caro compatriota tem se enfadado com esse mesmo texto nos últimos tempos. Albert Camus já fez uso dele. Criou a peça *O mal-entendido*. Gostaria de oferecer-lhe algo novo. A homenagem que a revista *Criação & Crítica* número 10 faz aos seus cem anos. Sem dúvida, pode lhe interessar.

— Não sei... Tanto faz.

— Bela resposta! Eu teria dito o mesmo! Tanto faz, tanto fez! Estamos sempre entre as coisas, não? Pois bem. Apresento-lhe alguns textos para aguçá-lhe a curiosidade e deixo-lhe à vontade para decidir se aventurar ou não pelos outros.

Disse-lhe que não fazia questão de saber sobre a revista. Ia ficar na prisão por bom período e poderia lê-la quando me interessasse. Ainda teria tempo. Mas não adiantou. Ele levantava os braços na cela como se precisasse de espaço. Acabou por mergulhar em um solilóquio absoluto:

— Em minha vida fui papa, advogado, altruísta e sarça ardente! Viajei por inúmeras partes do planeta. Também essa edição da *Criação & Crítica* é cosmopolita. E começamos indo até a Argentina de onde recebemos o texto **Albert Camus: su experiência trágica y su teoría de la tragedia**, de **Inés de Cassagne**, representante da Sociedade de Estudos Camusianos na América Latina! Ela escreve sobre os gregos. Sabe que eles andavam de mãos dadas nas ruas? Não é isso a inocência? Mas somos impuros demais para voltar a essa época. Podemos apenas contemplá-la. E Inés de Cassagne o fez muito bem ao explorar os extremos do pensamento trágico



camusiano, entre o avesso e o direito, pensamento sagrado e crítico, medida e desmedida. As lições que vão da *hybris* à *katharsis*, que Camus debateu em sua conferência sobre a tragédia apresentada em Atenas no ano de 1955, são reatualizadas no pós-guerra dentro das adaptações teatrais feitas pelo escritor para combater de maneira estética a violência do pensamento histórico.

Voltando para minha velha França, o artigo **Albert Camus, René Char: Fonction du paysage méditerranéen dans la constitution de l'identité de l'artiste et de l'écrivain au XX^{ème} siècle**, de **Nathalie Pacchiani**, evoca a amizade solar entre René Char e Albert Camus. As questões existenciais desses dois irmãos de escritura aparecem no trabalho com a natureza da paisagem. O divórcio entre homem e mundo expõe seu avesso na criação literária, na palavra oracular da poesia, que permite uma reconciliação com o universo. Assim se dá nos poemas de Char, presentes em *Feuillets d'Hypnos* e em *Núpcias* e "A mulher adúltera", de Camus. Perfeito para nós, meu caro. Como essa mulher adúltera, eu também me banho na culpabilidade humana. Mas aceitei essa duplicidade em vez de ficar desolado com ela. Nela me instalei, pelo contrário, e nela achei o conforto que busquei durante toda a minha vida.



Já fui tomado por covarde, esnoberado e burguês, mas jamais um tirano violento como Calígula. Basta ler o texto **Combate ao niilismo e totalitarismo em Albert Camus**, de **Emanuel Germano**, que se vê a (in)consequência da tomada de consciência desse Imperador ante a falta de sentido e a transitoriedade da vida. Irá achar aí uma bela leitura filosófica da experiência niilista e totalitarista em Camus. Seu eterno embate contra o reducionismo sistêmico de dogmas filosóficos de sua época figura esteticamente na peça de 1943, mas evocará nessa e em outras obras também a clarividência de Nietzsche, Pascal e Heráclito. Desafio-o a se aventurar por essas vitrines...

Ainda no universo de *Calígula*, mas dessa vez direto do Canadá, **Kinga Zawada**, em seu texto **Détruire, créer, jouer: lire la folie de Caligula chez Camus**, vai buscar nas características dionisíacas de Calígula as bases de sua loucura. Minha querida companheira segue as transfigurações da personagem camusiana entre bobó da corte e rei para entender como ele joga com sua insanidade, ludibriando o leitor da peça. Não o culpemos, meu compatriota, é apenas sua maneira de se revoltar. Uns dizem: "Quero amor!". Outros dizem: "Quero riquezas!". Mas outros, de raça mais infeliz, só podem dizer:

"Quero a lua"...

Nunca fui muito justo com minhas companheiras, ou melhor, jogadoras. Já acordei entre duas, não impedi o suicídio de uma, vivi tanto com o que a sociedade do nosso tempo diz ser filha de boa família quanto com as prostitutas. Mas nunca saí com uma personagem tão excêntrica quanto Emily Dickinson. É o que se vê em **A fortuna crítica de Emily Dickinson**, de **Natalia Helena Wiechman**, pesquisadora brasileira. Há aí um verdadeiro jogo de espelhos entre os diferentes leitores da poetisa, partindo desde uma esfera mais privada, como a troca de cartas com Susan Dickinson, até sua retomada pela crítica feminista norte-americana da década de 1970. Somente um caleidoscópio de críticos para trazer a ideia "de uma poesia que contém em

multiplicidade de significados tão enigmática quanto a própria vida da poeta”. Irá ela resistir aos incessantes julgamentos desses juizes-penitentes que são os críticos? Aliás, Dickinson vivia trancada em seu quarto como você está aqui agora na prisão, caro compatriota. Talvez ela lhe conforte dentro de seu tronco de árvore...

Mas vamos aos espelhos. Em sua resenha **Um puzzle de rascunhos de si: “Autogenèses”, de Philippe Lejeune, Ana Amélia Coelho** nos entrega um quebra-cabeças com peças da carreira crítica de Lejeune ante a crítica genética e a autobiografia. Assim como meus mergulhos em minha vida parisiense de advogado bem-sucedido, Lejeune retraça os acasos de sua vida de crítico bem-sucedido em uma espécie de continuação de *Les Brouillons de soi* (1998), envolvendo seu leitor em prolongamentos e descontinuidades dos seus trabalhos, que abordaram Sartre, Rousseau, Marie d’Agoult e Georges Perec. A diferença é que ele reflete sobre a autorreferência dos diários íntimos. Eu falo de mim para sobrevoar os homens, fui sempre um poço de vaidade. Sempre na base do eu-eu-eu, nunca me lembrei senão de mim mesmo.

E então? O que achou da revista? Ah! Também acho interessante! Não espere pela data do seu julgamento, leia-a todos os dias! Agora devo deixá-lo. Tenho o gosto amargo da condição humana na boca. Preciso lançar-me novamente aos seres. Quando finalmente sair desta cela, estarei aguardando pelo senhor no velho bar México-City, como sempre fiz todas as noites. Felizmente!

Depois que meu advogado partiu para seu trabalho noturno, em um bar de marinheiros, li sobre os outros textos da revista.

Escrevem sobre mim. Tenho novamente a impressão de estar entrando em um ônibus enquanto todos os passageiros me olham procurando o ridículo. Decido ler o artigo **O estrangeiro na ordem do discurso: sujeito e poder**, pois mesmo no banco dos réus é sempre interessante ouvir falar de nós mesmos. Termina a leitura. Pela primeira vez em muito tempo lembro-me de Salamano. Ele repetia sobre mim: “É preciso compreendê-lo!”. Partindo das teorias de Foucault, **Denise Witzel** e **João Kogawa** também buscam me compreender. Não sou um monstro. Para me acusarem, usam argumentos e uma lógica que nunca conheci.

É também o que alguns fazem com Camus. **Agnès Spiquel** em sua **entrevista** adverte: “não o usem para defender suas próprias ideias”. É preciso ler Camus, lê-lo verdadeiramente, sem se deter em ideias feitas sobre ele: “Escutem o que ele diz. Vejam o mundo através de seus olhos”.

Mesmo meu caráter taciturno também serve de argumento para a acusação. Não compreendo como as qualidades de um homem comum podem erguer-se esmagadoramente contra um culpado. Em **“O silêncio do Estrangeiro”**, **Raphael Araújo** e **Samara Geske** discutem a tradução dos cadernos de Albert Camus para o português do Brasil. Evocam Antoine Berman para defender a ética de um silêncio. Não havia pensado sobre isso. Deve ser por conta do acaso.



Converso pouco. Talvez por isso não saiba a idade de minha mãe. Talvez por isso Marie não se sentisse amada. Agora tanto faz. Não tenho muito com quem conversar aqui dentro.

Continuo a ler a revista. Todo o problema da prisão está em matar o tempo.

Escrevem também sobre o mar, como a prisão fica na parte de cima da cidade de minha pequena janela ainda posso vê-lo. Lendo **Os vínculos entre o tema do mar e o lirismo crítico na obra de Jean-Michel Maulpoix**, de **Érica Milaneze**, posso até ouvir o som das ondas quebrando na praia. Para Maulpoix, o mar metaforiza o desejo do poeta de expandir-se, de fundir o corpo com a voz das águas. Ao fundir-se com a língua, o poeta se une também a natureza. Quando era livre eu também gostava de banhos de mar.

Noto também que o mar e o sol da Argélia são também o cenário do filme “Le Premier Homme” de Gianni Amelio, apresentado na resenha **O Albert em Jacques: uma reconstrução cinematográfica** de **Danielle Camara** e **Samuel Mariano**.

Escrevem ainda sobre mim. Noto que sempre falam muito mais de mim do que do meu crime. Mas em **Violência e Intolerância em Albert Camus e Denis Diderot**, de **Nilson Adauto G. da Silva**, o autor lembra a morte de mamãe, o assassinato que cometi e minha condenação à morte. Para ele, a morte é uma violência suprema que os homens imputam a outros homens.

Há dias em que me pergunto se posso
escapar a essa máquina implacável.

Mas não há saída, como dizia a enfermeira no enterro de mamãe.

Diante da morte todas as experiências se equivalem. Hoje ou daqui vinte anos, serei sempre eu quem morre. Mas criar é poder viver duas vezes. Ao ler **Albert Camus: el arte como transfiguration de la experiencia**, de **Juan Blanco Ilari**, penso que todos tentam imitar, repetir e recriar sua própria realidade. A essência do romance reside nesta perpétua correção que o artista efetua sobre sua própria existência. O romance fabrica o destino sob medida. É assim que ele provisoriamente vence a morte.

Para que tudo seja consumado, para que eu me sinta menos só, resta-me desejar que haja muitos leitores desses artigos e que os acolham a todos com os olhos sem ódio.

EDITORES EXECUTIVOS: Raphael Luiz de Araújo e Samara Fernanda A. O. de Lócio e Silva Geske

EDITORA CIENTÍFICA: Claudia C. A. Pino

Projeto gráfico & editoração: Priscila Pesce Lopes de Oliveira

Crédito das imagens: **Centre Albert Camus**